Dez minutos com

Fernando Pessoa

A calva socratica, os olhos de corvo de Edgar Poe, e um bigode rizivel, chaplinesco—eis a traços tão fortes como precizos a mascara de Fernando Pessoa. Encontramo-lo friorento e encharcado desta chuva cruel de dezembro a uma mesa do Martinho da Arcada, ultima estampa romantica dos cafés do seculo XX. E' ali que vivem agora os derradeiros abencerragens do «Orfeu». A lira não se partiu. Ecôa ainda,. mas menos barbara, trazida da velha Grecia, no peito duma sereia, até á foz romana do Tejo, Fernando Pessoa tem três almas, baptizadas na pia lustral da estetica nova: Alvaro de Campos, o dos odes, convulsivo de dinamismo, Ricardo Reis, o classico, que trabalha maravilhosamente a proza, descobrindo na cinza dos tumulos, tesouros de imagens, e Alberto Caeiro, o super-classico, magestoso como um principe. Mas desta vez fala Fernando Pessoa—em «pessoa». O titulo da sua obra recente, «Mensagem», está entre nós, como um hifen de amizade literaria. Porque o titulo?

O poeta desce a escada de Jacob, lentamente, coberto de neblinas e de signos misteriosos. A sua inteligencia geometriza palavras, que vai rectificando empóz. A sua confidencia é quasi soturna, tragica de inspiração intima:

—«Mensagem» é um livro nacionalista, e, portanto, na tradição cristã representada primeiro pela busca do Santo Graal, e depois pela esperança do Encoberto.

E' dificil de entender, mas os poetas falam como as cavernas com boca de misterio. De resto os versos são oiro de lingua, fortes como tempestades.

—E' um livro novo?

—Escrito em mim ha muito tempo. Ha poemas que são de 1914, quasi do tempo do «Orfeu».

—Mas estes são agora mais classicos, digamos. Versos de almas tranquilas...

—Talvez? E' que eu tenho varias maneiras de escrever—nunca uma.

—E como estabelece o contacto com o deserto branco do papel?

Pessoa, numa nuvem do opio:

—Por impulso, por intuição, que depois altero. O autor dá lugar ao critico, mas este sabe o que aquele quiz fazer...

—A sua «Mensagem»...

—Projectar no momento presente uma coisa que vem atravez de Portugal, desde os romances de cavalaria. Quiz marcar o destino imperial de Portugal, esse imperio que perpassou através de D. Sebastião, e que continua, «ha-de sêr».

Fernando Pessoa, recolhe-se. Disse tudo. Sobe a escada de Jacob. e desaparece á nossa vista, num ceu constelado de enigmas e de belas imagens Ferreira Gomes que está ao nosso lado olha-nos com misterio. Que é do poeta?

A. P.

(Fotografia de Ferreira Gomes)

Do livro "MENSAGEM" de FERNANDO PESSOA

transcrevem-se **3** poemas com **3** ilustrações ineditas de **ALMADA**

1.

O INFANTE

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente.
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

2.

O MOSTRENGO

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
A' roda da nau voou trez vezes,
Voou trez vezes a chiar,
E disse: «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo,
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou trez vezes.
Trez vezes rodou immundo e grosso,
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguem me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse,
«El-Rei D. João Segundo!»

Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as reprendeu,
E disse no fim de temer trez vezes,
«Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»

3.

PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silencio hostil,
O mar universal e a saüdade.

Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a occultou:
A mão do vento pode erguel-a ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ancia—,
Com que a chamma do exforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distancia —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!